Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA Vol. 6 N° 2 (2013) ISSN 2176-8986

CRÍTICAS RECORRENTES E ANÁLISE DAS IDEIAS DO LIVRO "DEUS, UM DELÍRIO" DE RICHARD DAWKINS NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

Anderson Clayton Santana do Nascimento[1]

RESUMO

O presente texto procura contextualizar e explicitar os principais argumentos e algumas das críticas feitas às ideias anti-religiosas do cientista britânico Richard Dawkins. No seu livro, "Deus, um delírio", o problema da existência de Deus é criticado enquanto um problema científico, ou seja, Dawkins critica a ideia da crença na existência de uma inteligência suprema e criadora do mundo enquanto fundadora da religião e de todos os malefícios que ela autoriza. Para Dawkins, a crença em Deus é perniciosa e além de tudo um delírio já que as pessoas acreditam nele mesmo sabendo que é quase certo que seja improcedente. No final deste texto, existem críticas relevantes que foram feitas a estes argumentos, principalmente as de Terry Eagleton, filósofo que pensa que os argumentos de Dawkins, além de carecerem de conhecimento teológico usam a ciência para pensar coisas que não são de sua alçada.

Palavras-chave: Ateísmo. Religião. Dawkins. Deus. Pós-modernidade.

RECURRING AND CRITICAL ANALYSIS OF THE IDEAS OF THE BOOK" GOD DELUSION" BY RICHARD DAWKINS THE CONTEXT OF POST- MODERN

ABSTRACT

This paper seeks to contextualize and explain the main arguments and some of the criticisms of anti - religious ideas of British scientist Richard Dawkins.No his book , " God Delusion " , the problem of God's existence is criticized as a scientific problem , or is, Dawkins criticizes the idea of belief in the existence of a supreme intelligence and creator of the world as the founder of the religion and of all the evils which it authorizes . For Dawkins belief in God is pernicious and most of all a delusion because people believe in it even though it will almost certainly be rejected. At the end of this text are relevant criticisms that have been made to these arguments , particularly Terry Eagleton , a philosopher who thinks that the arguments of Dawkins and they lack theological knowledge use science to think things that are not within its scope .

Keywords : Atheism. Religion. Dawkins. God. Postmodernism.

1 O autor é mestrando em Ciências da Religião pela PUC-GOIÁS (2013). Possui Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (1999) e graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2009). E-mail: profandersonc@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos hoje uma grande crise de paradigmas. A modernidade nos trouxe uma fragmentação de consciências e dos valores impulsionada pela dinâmica do mundo globalizado. Estamos cheios de incertezas e convivendo com uma profusão de ideologias e doutrinas que tentam dar uma resposta ao vazio de nossa existência.

A religião foi aos poucos perdendo sua autoridade enquanto explicação e referência da vida humana e dando lugar ao olhar científico do mundo que é, sobretudo, dessacralizador da realidade. Segundo Sá (2003, p. 14),

> a incerteza é constitutiva nas relações do mundo e da vida, em que constantemente os indivíduos-sujeitos devem reler seu mundo interno e externo, para renovar suas estratégias e fazer que a vida mais uma vez prevaleça sobre a morte.

Parece estar nítida, para muitos, a noção de que o fundamentalismo religioso é um grande motivador da barbárie contemporânea, principalmente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Este terreno foi fértil para o sucesso de autores que questionam as mazelas do mundo de hoje escolhendo como causa principal o fanatismo religioso.

Faremos um breve panorama sobre a função da religião na pós-modernidade para que possamos entender o surgimento e o sucesso dos chamados novos ateus militantes. Depois disso discorreremos sobre as ideias de Richard Dawkins, um dos intelectuais mais proeminentes da atualidade, seu livro, a argumentação interna deste texto e as críticas mais recorrentes que foram feitas a ele.

2 MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE E RELIGIÃO

2.1 MODERNIDADE

A modernidade é o resultado de vários fatores que fizeram com que o ser humano tivesse uma mudança profunda em sua mentalidade. Sua forma de ver e organizar o mundo

Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA Vol. 6 N° 2 (2013) ISSN 2176-8986

vai mudando radicalmente; é um "[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII [...] e tornaram mais ou menos mundiais em sua influência". (GIDDENS, 1991, p. 11).

Segundo Moreira (1996, p. 343), a modernidade

> se caracteriza pelo advento de um tipo de organização social diferente do sistema feudal medieval: a civilização industrial. Civilização industrial é aquela que predomina a esfera da produção e do consumo sobre as demais do todo social. O mundo medieval era marcado sobretudo pela produção dirigida ao próprio consumo e subsistência, enquanto que a civilização industrial, sem a qual não se pode falar em modernidade, é marcada pelo advento do mercado e da produção de massa.

Em relação à cultura, a modernidade é marcada pelo surgimento da ciência enquanto critério absoluto de verdade. Isso ocasiona um declínio da religião enquanto organizadora do real e detentora de todas as explicações de todos os processos. O mundo passa a ser coisificado, ou seja, perde sua sacralidade. Tudo passa a ser objeto de investigação científica.

O corpo humano, antes morada da alma e sagrado para muitas culturas, passa a ser dissecado e estudado em seus pormenores e visto como sistema orgânico. A natureza e todos os seres que nela habitam são entendidos como também partes de um sistema. Para a ciência moderna a vida é um processo biológico e a morte nada mais é o que o fim deste processo. O mundo não tem mais mistérios e sim enigmas que serão um dia decifrados. Há um processo de domesticação da realidade.

Ao procurar uma matemática universal, para a compreensão da verdade, descobre-se que demolindo as crenças e partindo da lógica e da dúvida metódica, a verdade estaria mais próxima do filósofo Renê Descartes, que muda o foco do trabalho da Filosofia.

Outros aspectos da cultura como, por exemplo, a arte, se desvinculam da religião. Ela passa a ser independente e o artista passa a ficar livre para compor sua obra e expressar sua visão de mundo.

Dentro da política, as revoluções burguesas moldam a nova ordem. Delas vem com muita força a democracia representativa juntamente com seus ideais de emancipação do

Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA Vol. 6 N° 2 (2013) ISSN 2176-8986

sujeito, já que estes são seres pensantes e devem se guiar por sua racionalidade e por meio das leis que em assembléia impuseram a si mesmos, como Kant já preconizava.

Na Economia, o capitalismo por execelência é o sistema organizador inclusive da produção social, fazendo surgir a produção em série e o consumo de massa. Surge também o proletariado, ou seja, os trabalhadores que vendem para o grande capitalista sua força de trabalho em extenuantes jornadas para que o sistema seja mantido.

Produzir mais e em menos tempo se torna uma necessidade e, portanto, há uma necessidade de se otimizar o tempo e o espaço a fim de atingir estes objetivos. Por isso, Frederick Taylor, engenheiro norte americano considerado grande pensador da administração clássica, teoriza sobre o controle do movimento de cada operário a fim de que se aumentasse a produção e o tempo gasto fosse reduzido.

O mundo passa a ser mercantilizado. Tudo passa a ter um valor monetário. Tudo é comprável e vendável. A mercadoria é uma categoria central na modernidade.

A modernidade também criou muitas utopias com base na crença na razão herdada pelo Iluminismo, somada à crença de que o futuro tem que reservar o progresso ao homem. A religião, portanto, é criticada enquanto representante de um tempo que deve ser superado enquanto olhar humano.

2.2 PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade é a mentalidade resultante das promessas não cumpridas da modernidade. É, por conseguinte, uma descrença na razão e em seu poder.

Para Lyotard (1993, p. 3),

> considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos ‘metarrelatos’. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia.

Na pós-modernidade existe uma crise nas grandes instituições de explicação e ordenamento do mundo. Isso faz com que haja um grande clima de incertezas.

Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA Vol. 6 N° 2 (2013) ISSN 2176-8986

O pós-moderno traz o rompimento da identidade cultural na arte moderna, apropria-se de culturas diferentes e faz uma abordagem que deixa de lado a funcionalidade, tão valorizada pelos modernos.

A ciência, enquanto detentora da verdade e da explicação de todos os processos, entra em declínio. Os paradigmas científicos são vistos como meros frutos de uma época. O verdadeiro é agora uma construção no tempo. Verdade é sempre provisória. A velha noção de causa e efeito já preconizada pelos pensadores gregos entra em crise, já que existem processos científicos que tem causas conhecidas e efeitos inesperados.

Karl Popper, um dos filósofos mais influentes do século XX pensava que a teoria científica só teria valor se pudesse ser falseada, ou seja, o valor da teoria só se dá por meio de seus limites. Ele critica o método científico quando se baseia na abordagem indutiva da natureza. Na verdade "[...] independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isso não justifica a conclusão de que todos os cisnes são brancos" (POPPER, 2001, p. 28)

A pós-modernidade é a morte do sujeito, ou seja, entram em crise os valores de identidade e o sujeito fica diluído, passa a ser um sem pátria. Isso ocorre porque, na modernidade, o indivíduo pode se libertar das tutelas a que era submetido como a família, a tradição e principalmente a religião. Mas, uma vez que o indivíduo se torna mais importante que a comunidade, todos se tornam uma massa amorfa de indivíduos sem referencias.

A modernidade fez a promessa de livrar o indivíduo de seus medos e de posse da ciência, ele conheceria o mundo e o dominaria. Tais promessas, no entanto, se mostraram irrealizáveis.

Há mudança em nossa relação com o próprio tempo. Se na modernidade tínhamos uma ideia de que o passar do tempo nos levaria inevitavelmente ao progresso, na pós-modernidade não temos mais esta expectativa. O tempo do pós-moderno é o hoje. Há uma busca da satisfação das necessidades do aqui e agora.

Existe uma desconfiança dos grandes projetos sociais coletivos. Pessoas como Gandhi e Che Guevara, provavelmente, não fariam hoje o que fizeram em seus dias. Ninguém é mais fiel ao seu passado e às tradições. Há uma tendência à falta de memória e ao aniquilamento de um sentimento de culpa. A legalidade e o direito tendem a substituir a ética.

2.3 RELIGIÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Já foi dito que a modernidade tirou a religião do centro do funcionamento da sociedade e a colocou na periferia. Max Weber acreditava num processo inevitável de secularização da sociedade. O positivismo de Auguste Comte pensava a religião como um olhar ingênuo e primitivo que seria superado.

No entanto, dentro do contexto pós-moderno, a religião resiste mas não como em períodos pré-modernos. Segundo José Maria Mardones, a religião saiu do centro para a periferia da sociedade e já não se apresenta como necessária para legitimar a ordem social e econômica. Ela concentra-se, hoje, em temas que não atingem o cerne das questões sociais. Parecem ter mais uma dimensão terapêutica e assistencialista.

Há privatização da religião, ou seja, as pessoas tem o livre arbítrio de escolherem entre uma ou outra de acordo com a necessidade de cada um. A religião está hoje na esfera do familiar, reduzida a necessidades subjetivas. A religião tem hoje um aspecto *self-service* (MARDONES,1985, p. 33).

A interioridade é o centro da preocupação das novas manifestações religiosas. São carregadas da preocupação das questões relativas ao sentido espiritual da existência. Algumas delas, inclusive, se contrapõem ao domínio eclesiástico. Um exemplo forte disso é o fenômeno Nova Era.

O cenário pós-moderno é muito conflituoso. Tudo isso convive com os radicalismos e fundamentalismos religiosos além dos tradicionalismos e do ateísmo.

3 DAWKINS E O LIVRO “DEUS, UM DELÍRIO”

Segundo o jornal *The Guardian*, Richard Dawkins foi eleito um dos homens mais influentes de 2007[2]. Ele é biólogo e geneticista britânico. Em 1976, ganhou destaque com seu livro *Gene Egoísta,* no qual apresenta a teoria de que a evolução das espécies é fundamentada na perspectiva do gene e não do organismo. Interessa ao gene usar o organismo para se replicar.

2 Disponível no site The Guardian, em: http://www.theguardian.com/uk/2007/aug/12/religion.books. Acesso em: 02 abr. 2013.

Dawkins é muito conhecido por suas críticas à religião e à crença a Deus, ao *criacionismo* ao argumento do *design inteligente*. Este é o argumento mais usado para defender a existência de Deus; tal argumento preconiza que, se o mundo funciona como um relógio, certamente existe um relojoeiro que o criou. Ou seja, a complexidade do real não pode ter sido fruto do caos, mas sim de uma inteligência criadora. Em seu livro *O relojoeiro cego*, de 1986, Dawkins critica a analogia do relojoeiro, descreve os processos evolutivos como análogos a um "relojoeiro cego"; seu referencial é a teoria da evolução de Charles Darwin, que defende que a origem das espécies se deve a uma seleção natural que não depende de uma inteligência criadora.

Dawkins diz ter escrito *"Deus um delírio"* para tornar as pessoas livres da religião mostrando, por meio uma argumentação dita científica, que tudo o que fundamenta a religião, ou seja, a existência de uma inteligência criadora sobrenatural é quase que certamente inexistente. O biólogo pensa que é necessário provocar o pensamento destas questões nas mentes de todos já que

> as pessoas, quando incentivadas a pensar por si sós sobre toda a informação disponível hoje em dia com muita frequência acabam não acreditando em Deus e vivem uma vida realizada – uma vida 'livre' de verdade. (DAWKINS, 2006, p. 22)

Quanto ao título do livro, Dawkins explica que delírio é uma falsa crença que continua mesmo diante de evidências contrárias a ela e é muito comum enquanto sintoma de um transtorno psiquiátrico. É necessário criticar duramente a religião já que existe no mundo o predomínio de religiões oportunistas e nocivas e por isso é necessário combater seus fundamentos para que o mundo possa ser melhor. (DAWKINS, 2006, p. 14)

O livro defende que ser ateu não significa necessariamente ser antiético e desumano. Ser ateu, segundo o autor de *Deus um Delírio* é

> uma coisa da qual se deve ter orgulho, encarando o horizonte de cabeça erguida, já que o ateísmo quase sempre indica uma independência de pensamento saudável e, mesmo, uma mente saudável. (DAWKINS, 2006, p. 27)

Para ele existem muito mais ateus do que se imagina e por isso é necessário que os mesmos saiam do armário (DAWKINS, 2006 p.28).

Dawkins afirma, com certa ironia que, se o livro funcionar como ele pretende, "[...] os leitores religiosos se tornarão ateus" (DAWKINS, 2006, p. 29), apesar de que aqueles que foram doutrinados desde crianças resistirão até a melhor das evidências contra o que foram ensinados a acreditar.

3.1 VISÕES GERAIS DA OBRA

Existe em *Deus, um delírio* uma comparação com os trabalhos de divulgação científica do astrônomo americano Carl Sagan. Os trabalhos de Sagan e Dawkins "têm a mesma aspiração" (DAWKINS, 2006, p. 35) que, é a preocupação pelo crescimento do analfabetismo científico e pela destruição de tudo por meio da estupidez humana que é fortalecida principalmente da ignorância científica.

Dawkins discorre, inicialmente, sobre a profunda admiração pelos mistérios da natureza que o cientista Albert Einstein tinha, o que fazia dele um homem profundamente religioso nesse sentido. Tal admiração é para ele mais rica do que qualquer mitologia proposta por qualquer uma das religiões que existem. Dito de outra forma, a religião não é a detentora do monopólio da admiração humana sobre seu mistério e nem da busca por esse mistério.

O autor de *Deus, um delírio* cita os fundadores dos Estados Unidos e ressalta que grande parte deles não era religioso para concluir que ateísmo não quer dizer necessariamente uma disposição de caráter ruim e, pelo contrário, significa ser saudável e inteligente. (DAWKINS, 2006, p. 33).

O livro reúne exemplos de que a religião recebe um respeito e uma autoridade que não merece, pois suas crenças não têm fundamento científico e muito menos justificam as atitudes que elas tomam e o poder que tem. Em discussões éticas, no que diz respeito a questões morais e reprodutivas, a igreja é muito levada a sério, mas e seus argumentos são fundados apenas em seus preceitos religiosos.

Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA Vol. 6 N° 2 (2013) ISSN 2176-8986

Para Dawkins, a questão da existência de Deus é um problema científico e ele o trata como tal. O cientista analisa desde os argumentos clássicos da filosofia de Tomás de Aquino aos argumentos pessoais das experiências religiosas. Julga estes argumentos muito inferiores à teoria da evolução e aos paradigmas científicos atuais.

A principal ideia que o livro ataca é a de que "existe uma inteligência sobre-humana e sobrenatural que criou deliberadamente o universo e tudo que há nele, inclusive nós" (DAWKINS, 2006, p. 57). Tal ideia é, para Dawkins, a que fundamenta todas as religiões que existem.

O principal argumento em favor da existência de Deus é o que preconiza que se o mundo existe e funciona perfeitamente, só pode ter sido projetado por uma inteligência suprema. Tal argumento é chamado de argumento do design inteligente. *Deus um delírio* é em quase seu todo, uma crítica a este argumento.

Para refutar o argumento do *Design inteligente*, Dawkins se vale, principalmente, da teoria da evolução das espécies no que diz respeito à evolução da inteligência.

> Qualquer inteligência criativa, de complexidade suficiente para projetar qualquer coisa, só existe como produto final de um processo extenso de evolução gradativa. Inteligências criativas, por terem evoluído, necessariamente chegam mais tarde ao universo e, portanto, não põem ser responsáveis por projetá-lo. (DAWKINS, 2006, p. 56)

Há no livro também a crítica em relação à associação que muitas vezes é feita entre religião e moral, já que muitos acreditam que a religião é o que faz com que a moral não se perca. Dawkins pensa que não precisamos da religião para que nos tornemos morais e que, na verdade, a moral tem outras raízes que não são religiosas. Suas raízes são biológicas. A vida se resume à replicação dos genes e estes usam o organismo para este fim. Por isso os "[...] animais tendem a cuidar dos familiares, defendê-los, dividir recursos com eles, adverti-los de perigos e mostrar altruísmo em relação a eles por causa da probabilidade estatística de que aquele parente tenha cópias dos mesmos genes" (DAWKINS, 2006, p. 281), o desejo de ser generoso serve aos genes e sua propagação.

4 CRÍTICAS AOS ARGUMENTOS DE DAWKINS

Segundo Terry Eagleton, além de enfadonho, o texto de Dawkins demonstra que seu autor tem pouco conhecimento de teologia e fala o tempo todo de algo que não conhece. Ele é um herdeiro do racionalismo liberal do século XIX e encara Deus como um megafabricante ou diretor executivo cósmico, ou seja, tem uma noção idólatra de Deus, que já está ultrapassada na teologia cristã atual que pensa Deus como aquele que "[...] assegura a existência de tudo que por meio de seu amor " e que Deus "é a razão por que existe algo ao invés do nada". (EAGLETON,2013, p. 17-18)

Além disso Dawkins apregoa equivocadamente que o cristianismo oferece uma visão rival da ciência e que a fé cristã seria uma pseudociência, uma tentativa primitiva de conhecimento da verdade fundamentada em equívocos e superstições.Na verdade, afirma Eagleton, o cristianismo não é uma explicação científica sobre o mundo.A linguagem do cristianismo e de todas as manifestações religiosas tem que ser decifradas para que se possa entender sua mensagem. (EAGLETON, 2011, p. 17)

Eagleton pensa que a crítica ao fanatismo e o oportunismo religioso é válida, mas Dawkins não capta "a natureza da reivindicação religiosa". Todas as religiões tem que ser interpretadas em toda a sua complexidade. É claro que muitos cristãos têm uma visão muito simplista dos evangelhos e não tem condições de captar sua mensagem de amor na integra. A cristandade, que traiu suas origens, está muito longe do Cristianismo que, em seu início, era revolucionário. O discurso cristão estava do lado dos pobres e passou a ser o discurso dos milionários. (EAGLETON, 2011, p. 57). Cultua-se o hoje

> Um Deus barbeado, de cabelo bem-cortado, munido de armas e sexualmente obsessivo com apreço especial por aquela parte ontologicamente privilegiada do globo logo ao sul do Canadá e ao norte do México, em lugar do Yaweh sem-teto, sem rosto, sem pátria, sem imagem, que retira seu povo do confortável assentamento e o conduz para o horror do deserto, e bruscamente informa a esses infelizes que o fogo de suas oferendas fede em suas narinas. Ouve-se que existe uma oração americana 'para Nobres realizadores' em que se diz que Deus é 'o maior realizador de todos'. De fato, a única de suas realizações que podemos efetivamente ver com nossos próprios olhos é o mundo, e se isso foi o melhor que ele pôde fazer, seu talento, cá entre nós, deixa a desejar . (EAGLETON, 2011, p. 58)

Durante a leitura do livro de Dawkins é possível observar que ele não trata os problemas causados pela ciência com importância que devem ter. Questões como a invenção e o uso da bomba atômica, bem como o crescimento da potência das armas de destruição em massa não são mencionados com rigor crítico. Existe em *Deus, um delírio* a defesa da ideia de que a humanidade melhora à medida que tomamos contato com o racionalismo científico, quando na verdade é muito fácil criticar a ideia de que existe uma relação direta entre desenvolvimento científico e progresso moral. "A Europa foi o palco da santa inquisição, mas foi também onde aconteceu o holocausto e graças ao avanço científico e a tecnologia que provem dele e pelo mesmo motivo" hoje temos uma sociedade racionalista em que existe um consumismo impiedoso que destrói o planeta". (EAGLETON, 2011, p. 71)

Ao contrário do que pensa Dawkins a ciência não matou nem vai matar a religião. A "racionalidade científica representou uma nova forma de conhecimento humano" (EAGLETON, 2011, p. 76). Tal conhecimento funciona porque o mundo funciona, em grande parte, obedecendo à uma regularidade. Não podemos pensar que o conhecimento científico dará conta de toda complexidade da realidade.

Para Scott Paine (2010), Richard Dawkins é um ateu fundamentalista já que tem uma atitude de cunho conservador e integralista a respeito do que prega.Tem um subjetivismo fechado, ou seja, assim como os fundamentalistas religiosos ele tem uma convicção inabalável em suas ideias. Segundo Paine os fundamentalistas em geral têm um fideísmo radical, ou melhor, crêem que somente uma forma de conhecimento é verdadeira. São ainda características do fundamentalismo o literalismo na interpretação de Escrituras Sagradas, as medidas radicais e a militância. Dawkins usa os escritos científicos ao pé-da-letra e enquadra a realidade somente em paradigmas científicos atuais (PAINE, 2010, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que Dawkins, na verdade, não traz nenhuma novidade em termos de reflexão metafísica ou teológica. Ele tem uma visão cientificista e demasiadamente simplista em relação ao caos social em que nos encontramos, principalmente quando imputa à religião

as mazelas de nossa sociedade. Dawkins apenas usa paradigmas científicos de maneira dogmática como resposta à caricatura que ele mesmo faz do que entende por religião.

Discursos inflamados como o de Dawkins encontram lugar facilmente em uma sociedade hedonista pós-moderna que se funda no consumo sem limites. Justificar a inexistência de Deus pode trazer como consequência um fortalecimento da relativização da moral e uma promoção da ideia de que se a vida é efêmera a preocupação com a ética é secundária, o que importa é a fruição da vida enquanto estamos vivos e saudáveis.

A crença de Dawkins num progresso social pautado no progresso científico e na extinção da religião como se ela participasse de um período de infância da humanidade e que doentiamente persiste é originária do positivismo do século XIX. Há muito tempo não encontramos mais tanta confiança na ciência enquanto detentora da redenção da humanidade. Temos na verdade a impressão de que quanto mais a humanidade adquire conhecimento científico, mais ela cria possibilidades de catástrofes maiores, haja vista os problemas ambientais em favor do consumismo impulsionados pelos avanços científicos.

REFERÊNCIAS

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

EAGLETON, Terry. *O Debate de Deus*: Razão, Fé e Revolução. Rio de Janeiro:Nova Fronteira. 2011.

GIDDENS Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *Herança franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996.MARDONES, José Maria. *Sociedad moderna y cristianismo*, corrientes socio-culturales e Fe messiânica. Bilbao: Desclée de Brouwer. 1985. PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte*, V.8, n.8, p. 9-26, jun/set. 2010.

POPPER, Karl. A *Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo, SP. Cultrix 2002.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. SÁ, Laís Mourão. O Desafio da complexidade na crise dos paradigmas, religando o humano a suas raízes cósmicas e terrestres, *Fragmentos de Cultura.* V.13 n. 1 Jan/Fev 2003.

SMITH, David. Believe it or not: the sceptics beat God in bestseller battle. The Guardian. Londres 12 ago 2007 disponível em <http://www.theguardian.com/uk/2007/aug/12/ religion.books>. acesso em: 02/04/2013.